



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	É de comer? Não é tóxico? Registro de predação do sapinho-de-barriga-vermelha <i>Melanophryniscus montevidensis</i> (Philippi, 1902) pela cobra-verde <i>Erythrolamprus poecilogyrus</i> (Wied-Neuwied, 1825)
<b>Autor</b>	DENER HEIERMANN
<b>Orientador</b>	PATRICK COLOMBO

**É de comer? Não é tóxico? Registro de predação do sapinho-de-barriga-vermelha *Melanophryniscus montevidensis* (Philippi, 1902) pela cobra-verde *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied-Neuwied, 1825).**

Dener Heiermann<sup>1,2\*</sup> e Patrick Colombo<sup>1</sup>

1 - Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; 2 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; \*denerheiermann@hotmail.com; patrick\_colombo@hotmail.com

Eventos de predação na natureza, apesar de abundantes, são de difícil observação. O registro de um momento como esse é uma das maneiras mais diretas de descrever relações de presa e predador. Isso torna-se particularmente interessante quando uma das espécies dessa relação tem atributos biológicos para evitar predadores, como substâncias tóxicas e coloração aposemática. Os anfíbios são conhecidos por possuírem uma série de compostos químicos tóxicos armazenados na pele para evitar predadores e agentes patogênicos; entre essas substâncias estão esteroides, peptídeos e alcaloides lipofílicos, por exemplo. Essas últimas são sequestradas de uma dieta à base de ácaros e formigas, sendo as substâncias de defesa de oito linhagens de anfíbios anuros incluindo os sapinhos-de-barriga-vermelha do gênero *Melanophryniscus*. Mesmo com essa adaptação associada a presença de coloração aposemática nesse gênero, sabe-se que algumas serpentes conseguem se alimentar desses sapos. Existem, na literatura, somente dois registros de predação de *Melanophryniscus* por serpentes: *M. moreirae* por *Thamnodynastes strigatus* (corredeira-lisa) e *M. atroluteus* por *Xenodon dorbingyi* (narigudinha-da-praia). Este trabalho apresenta um evento inédito de predação de uma espécie de *Melanophryniscus*. O registro foi feito no município de Chuí, Rio Grande do Sul, em dezembro de 2014, depois de chuva intensa. Na ocasião, foi observada uma cobra-verde, *Erythrolamprus poecilogyrus*, alimentando-se de indivíduos de sapinhos-de-barriga-vermelha, *Melanophryniscus montevidensis*, em uma poça temporária. A serpente foi, então, capturada e regurgitou quatro indivíduos machos. Todos os exemplares foram tombados na coleção científica de anfíbios e répteis do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. A serpente apresentava comprimento de 550 mm e massa de 49,5 g; os quatro sapos, comprimento rostro-cloacal de 20,2; 18,5; 19,7 e 20,4 mm e massa de 0,7; 0,5; 0,7 e 0,7 g, respectivamente. Populações de *M. montevidensis* do Uruguai contém alcaloides lipofílicos supostamente utilizados para sua defesa química, sendo a pumiliotoxina, PTX 251D, o alcaloide mais abundante; dados não publicados indicam que a população brasileira parece ter uma composição de alcaloides semelhante. Possivelmente o predador apresente tolerância aos alcaloides, permitindo que se alimente de um recurso abundante em um curto período de tempo (as espécies de *Melanophryniscus* têm reprodução explosiva). Existe também variação na composição e quantidade de alcaloides entre indivíduos de uma mesma população; logo, não seria surpresa se a serpente tivesse predado os menos tóxicos. Esse é um dos poucos relatos de predação de anfíbios que sequestram alcaloides e pode subsidiar estudos sobre as adaptações dos predadores para tolerar determinadas substâncias tóxicas de anfíbios.